

Danilo Caymmi
canta a Era dos
Festivais no Rival

PÁGINA 2



Cia Cerne repassa
caminhada em
documentário

PÁGINA 6



Roteiro suculento
para o Dia Nacional
da Lasanha

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Por Affonso Nunes

Voz marcante da música brasileira e dona de uma capacidade interpretativa simplesmente monstruosa, a paulistana Cida Moreira apresenta dois shows diferentes nesta sexta e sábado (26 e 27) no Manouche. Na primeira noite, divide o palco com Helio Flanders e no seguinte, recebe Rodrigo Vellozo.

Com Flanders, Cida retoma o repertório do show “Uivo - Um Voo Sem Proteção”, inspirado no livro seminal do poeta ícone da geração beatnik Allen Ginsberg (1926-1997), apresentado no mesmo Manouche em abril. Cida e Hélio fazem uma declaração poética, estética e política à contracultura e à vida sem pudores, com Tom Waits, Cartola, Lou Reed e Chico Buarque no generoso setlist, que contempla canções inéditas.

No sábado, a eclética Cida volta à acolhedora casa de shows do Jardim Botânico para a estreia de “Com o Coração na Mão” com um show inédito de vozes e pianos em duo com Rodrigo Vellozo (filho de Benito di Paula).

Esse é um espetáculo de duetos e duelos entre Cida e Rodrigo, que nasce a partir das trajetórias de dois artistas,



Cida Moreira e Helio Flandres apresentam um show poético-musical inspirado na poesia beatnik do mestre Allen Ginsberg

Cida Moreira, eclética e absoluta

Cantora e pianista apresenta dois shows distintos em duas noites no Manouche

de gerações diferentes, que sempre estiveram nas intensidades do teatro e da música.

Com um repertório de canções “à flor da pele”, que oscila entre a rua e o palco. Possui uma narrativa que costura as intensidades da vida de artista, celebrando o teatro musical e os compositores populares brasileiros. Formado por canções inéditas de Rodrigo Vellozo – com parceiros como Romulo Fróes, coautor da música-título “Com o Coração na Boca” – e por regravações de composições afinadas com a estética dessa inédita união dos artistas.

“São canções que potencializam o universo que surge da fricção do meu encontro com Cida, artista com a qual me identifico profundamente em um sentido genealógico da música e do teatro”, conta Rodrigo Vellozo.

SERVIÇO

26/7: CIDA MOREIRA E HELIO FLANDERS | UIVO - UM VOO SEM PROTEÇÃO
27/7: CIDA MOREIRA E RODRIGO VELLOZO | COM O CORAÇÃO NA MÃO

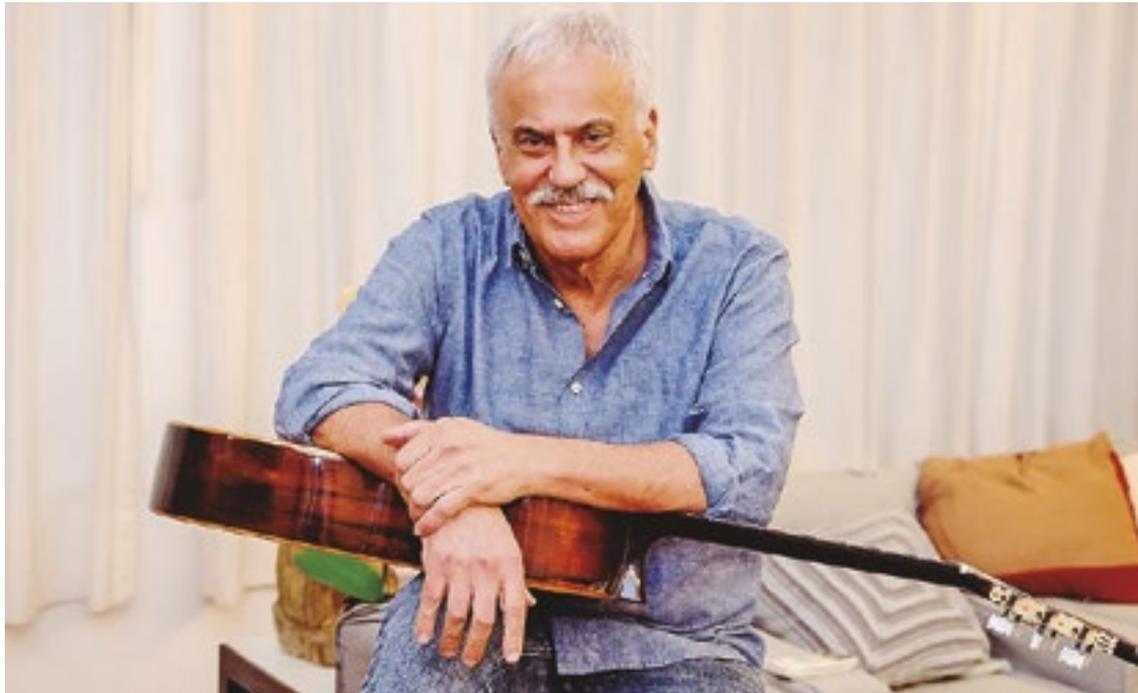
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983), ambos às 21h

Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia e ingresso solidário, levando 1kg de alimento não-perecível ou livro para doação ao Retiro dos Artistas)

Cantor e compositor faz o show de lançamento do álbum 'Andança 5.5' no Rival Petrobras

Danilo resgata 'Andança' e pérolas da Era dos Festivais

Armando Paiva/Divulgação



Danilo priorizando seu lado intérprete no novo álbum

Danilo Caymmi, o filho caçula do mestre Dorival Caymmi, é um dos compositores mais presentes na boca do bovo. Afinal, sua "Andança" - composta em 1968 em parceria com Edmundo Rosa Souto e Paulinho Tapajós - ganhou o mundo na inesquecível interpretação de Beth Carvalho no Festival Internacional da Canção daquele, ficando atrás apenas de "Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores" (Geraldo Vandré) e "Sabiá" (Chico Buarque e Tom Jobim).

Danilo foi o responsável pela melodia da primeira parte de "Andança", também pela usada em contracanto, uma das marcas registradas da canção. Edmundo compôs a segunda parte e a letra, por fim, ficou para o talento de Tapajós.

O cantor e compositor volta neste sábado (27) ao Teatro Rival Petrobras apresentando o show de lançamento do álbum "Andança 5.5", uma homenagem a Beth e a todo um cancionário lançado no

risco contexto musical dos anos 1960. O repertório do novo álbum foi selecionado a partir de uma pesquisa do músico e produtor Flávio Mendes e reúne canções do entorno dos Festivais da Canção do final dos anos 1960 como "Travessia" (Milton Nascimento e Fernando

Brant), "Pra Dizer Adeus" (Edu Lobo e Torquato Neto), "Viola Enluarada" (Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle), "Eu e a brisa" (Johnny Alf), "Sá Marina" (Antonio Adolfo e Tibério Gaspar) e as já citadas "Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores" e "Sabiá".

O artista ainda aproveita para homenagear os irmãos – Dori e Nana – com algumas músicas do repertório deles, caso de "Alegre Menina", composição de Dori e Jorge Amado gravada por Djavan para a trilha da novela "Gabriela", e "Bom dia", parceria

de Nana com Gilberto Gil.

Danilo começou a tocar flauta e violão na adolescência, chegando a tocar em um dos lendários trabalhos de seu pai, o magnífico álbum "Caymmi visita Tom" (1964). Compunha sem grandes pretensões e cursava Arquitetura quando "Andança" ficou em terceiro lugar no Festival da Canção, tornando-se um grande sucesso. Largou a faculdade no último período para se tornar um grande nome de nossa música. Atuou como instrumentista em shows e gravações de Chico Buarque, Simone, Gonzaguinha, Dori, Nana e Dorival Caymmi, Tom Jobim e Milton Nascimento, entre outros. Além do talento na flauta, revelou-se um cantor de ótima afinação timbre e especialíssimo.

Como compositor foi gravado por intérpretes de peso como Nana Caymmi, Beth Carvalho, Elis Regina, Maria Bethânia, Gal Costa, Tom Jobim, Dominginhos, Joyce, Luiz Eça, Evinha, Milton Nascimento, Boca Livre, Cláudia, MPB-4, Walter Wanderley, Alaíde Costa e Fagner, entre outros.

SERVIÇO

DANILO CAYMMI | ANDANÇA 5.5

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) 27/7, às 19h30

Ingressos entre R\$ 50 e R\$ 120

Na hora da 'siesta criativa'

Francisco El Hombre anuncia pausa de atividades por tempo indeterminado

São 11 anos numa batida, digamos, alucinante e a Francisco El Hombre anuncia uma pausa por tempo indeterminado ou como eles preferem dizer uma "siesta criativa". Não sem antes uma passagem pelo Circo Voador para a turnê do novo disco "Has-

ta el Final" nesta sexta-feira (26). E quem conhece as apresentações da banda bem sabe o quanto elas podem ser contagiantes.

"Depois de 11 anos tocando juntos, percebemos a importância dessa pausa, para que cada um possa trazer algo novo para a

J Maturana/Divulgação



Francisco El Hombre

banda e para revolucionar a nós mesmos enquanto indivíduos", explica Mateo Piracés-Ugart, que forma o grupo com seu irmão Sebastián, Lazúli, Helena Papini e Andrei Martínez Kozyreff.

No repertório, além das novidades, o quinteto promete trazer o calor da rua pra dentro do Circo ao passear por sucessos de toda a sua trajetória, como "Triste, Louca e Má", "Batida do Amor", "Tá com Dólar, Tá com Deus", entre outras canções que fazem toda a plateia balançar.

Começando os trabalhos, a Afroribeirinhos chega no ritmo do seu Mexidão, uma mistura de

sonoridades percussivas tradicionais do norte do Brasil juntamente com a influência melódica das guitarradas de toda região amazônica, inclusive das cumbias peruanas. A banda transita ainda por outras influências afro-brasileiras e latinocaribenhas, destacando-se o carimbó, banguê, salsa e merengue.

SERVIÇO

FRANCISCO EL HOMBRE Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)

26/7, a partir das 20h (abertura dos portões)

Ingressos entre R\$ 70 e R\$ 180

E aquele samba caetaneado?

Turnê Xande Canta Caetano chega ao Rio neste fim de semana no Qualistage

Por Affonso Nunes

Um dos grandes vencedores da última edição da 31ª edição do Prêmio da Música Brasileira (PMB), em junho, Xande de Pilares apresenta nesta sexta e sábado (26 e 27) no Qualistage o show da turnê “Xande Canta Caetano”.

O projeto, nascido de encontros marcantes na casa de Paula Lavigne durante a pandemia, recebeu a benção de Caetano para dedicar um álbum inteiro às suas composições. Sua singularidade e mérito estão na proposta de reinterpretar o repertório de

Caetano à luz de ritmos e instrumentações profundamente enraizados nas culturas afro-brasileiras.

A turnê, com direção musical de Pretinho da Serrinha, teve início em Salvador - onde Caetano fez uma participação especial -, passou por Belo Horizonte, São Paulo e agora chega ao Rio.

No álbum, ao longo de dez faixas, Xande mergulha em sua história e memórias, revisitando clássicos como “Gente” e “O Amor”, “Qualquer Coisa”, “Tigresa”, entre outros. A liberdade criativa proporcionada pelo projeto resultou em interpretações que transcendem gêneros, multiplicando a beleza das composições de Caetano Veloso na voz única de Xande, levando a obra do compositor baiano a outros públicos, como admitiu o sambista em entrevista no hall do Theatro Municipal após receber no 31º PMB os prêmios de Melhor Disco de Samba e Melhor Intérprete de Samba. O



Xande durante a abertura da turnê em Salvador

trabalho O conquistou os prêmios Samba e Pagode do Ano pela regravação da música “Muito Romântico”, além de Álbum do Ano, no prestigiado Prêmio Multishow, e foi também vencedor do Prêmio Band Inspira Rio 2023 na categoria música.

SERVIÇO

XANDE CANTA CAETANO

Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca) 26 e 27/7*, às 21h30 | Ingressos a partir de R\$ 70 | *Ingressos esgotados

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Marcos Hermes/Divulgação



Para o Donatão

Cris Delano revive a obra de João Donato (1934-2023) em apresentação neste sábado (27), às 21h, no Beco das Garrafas, o berço da Bossa Nova. A cantora e compositora vai relembrar grandes temas deste gênio da MPB á acompanhada pelos músicos João Carlos Coutinho (piano), Zé Luis Maia (baixo) e Elevelton Silva (bateria), além de outras surpresas que subirão ao palco para dar aquela canja.

Divulgação



Sambach

A Sala Cecília Meireles recebe neste sábado (27), às 16h, dentro da série Orquestras, a Johann Sebastian Rio com o violinista alemão Linus Roth (foto) no espetáculo SamBach. O repertório inclui obras de Bach, Villa-Lobos, Tom Jobim, Noel Rosa, Ary Barroso, Jacob do Bandolim e Jorge Ben Jor, entre outros grandes nomes da música brasileira. Os arranjos para violino solo e orquestra de câmara são de Ivan Zandonade.

Marcelo Castelo Branco/Divulgação



Viva Mercedes!

Com mais de 20 anos de shows dedicados ao repertório de Mercedes Sosa (1935-2009), a cantora Indiana Nomma apresenta nesta sexta-feira (26), às 20h, no Blue Note Rio show com o repertório da artista argentina, um ícone da canção sul-americana. São composições de autores como os cubanos Silvio Rodríguez e Pablo Milanés, os argentinos Atahualpa Yupanqui e Horácio Guarany e da chilena Violeta Parra, entre outros.

Divulgação



Carioquice

Composta por nove integrantes, a Zé Bigode Orquestra representa a diversidade e magia carioca. Com raízes em bairros como Vila Isabel, Andaraí, Complexo da Maré, Tijuca, Lapa e Freguesia, a banda vem criando sons potentes e dançantes em uma mistura única de reggae e afrobeat. Sexta (26), às 17h30, no Espaço Conceito Banco do Brasil RJ, no CCBB, que vai virar uma verdadeira pista de dança.

Tarde de excelência musical

A renomada Orquestra Nacional da Colômbia se apresenta no Municipal

Fundada em 1936, a Orquestra Sinfônica Nacional da Colômbia é uma orquestra contemporânea, com apresentações em todos os gêneros e estilos, incluindo participações de artistas populares renomados da música latino-americana. Sua excelência musical pode ser conferida neste domingo, às 17h, no Theatro Municipal, sob a regência do maestro Yeruham Scharovsky e tendo como solista o pianista israelense Lior Lifshitz. No programa, o “Concerto para Piano n.º 2” e Sinfonia n.º 1”, de Rachmaninoff, e a “Fanfarrina Sinfônica” de Blas Emilio.

Em sua temporada de 2024,

a orquestra realiza turnê de concertos em alguns dos teatros mais emblemáticos da América do Sul, incluindo o Municipal, a Sala São Paulo e o Teatro Colón de Buenos Aires, no âmbito do Festival Martha Argerich.

Lior Lifshitz nasceu em Tel Aviv. Aos 6 anos iniciou seus estudos de piano com o Dror Zemel no Conservatório Israelita de Tel Aviv. Iniciou sua carreira solo já aos 10 anos, com a Orquestra Sinfônica de Jerusalém, e desde então tem se apresentado com diversas orquestras como a Filarmônica de Israel, a Israel Camerata Jerusalém, a Orquestra Sinfônica de Israel Rishon LeZion, etc. Foi premiado em



A Orquestra Sinfônica Nacional da Colômbia e seu regente, o maestro Yeruham Scharovsky

2020 no concurso “Jovem Artista” da Rádio Israelense, recebeu os primeiros prêmios em 2015, 2018 e 2021 no “Piano Forever” em Ashdod, e o primeiro prêmio no concurso “Clairmont” em 2022.

Yeruham Scharovsky iniciou sua formação musical em seu país natal, Argentina, estudando flauta, contrabaixo, composição e direção com professores do Conservatório

Nacional de Música de Buenos Aires e do Teatro Colón. Nos anos 1970 mudou-se para Israel e continuou seus estudos na “Rubin Superior Music Academy”, em Jerusalém, com o renomado professor Mendi Rodán. Em 1990 foi eleito por Zubin Mehta para receber o prêmio de “Jovem Artista do Ano”, o que o levou a reger o concerto de gala da Orquestra Filarmônica de Israel. Regeu a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) por seis anos, entre 1998 e 2004, onde criou a Orquestra Sinfônica Jovem Brasileira,

além de 60 orquestras ao redor do mundo, em mais de 25 países.

SERVIÇO

ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL DA COLÔMBIA

Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia) 28/7, às 17h | Ingressos: R\$ 3 mil (frisas e camarotes), R\$ 500 (plateia/balcão nobre), R\$ 200 (balcão superior), R\$ 100 (galeria) e R\$ 39,60 (promocional, limitado a 20% de ocupação)

CRÍTICA / DISCO / ARAMADO

Emoção à flor da pele

Por Aquiles Rique Reis*

O mundo é um mistério a me encher a alma de sentidos vãos... como escrever sobre o que não sei explicar, já que apenas sinto? O sorriso da criança me traz o gosto da liberdade que me ajusta à vida. Mas até quando? Não sei! Ou sei?

Bem, me entreguei ao álbum autoral Aramado (nas redes de música e, em breve, em LP), gravado pelo Trio Fluctua, integrado por Edu Waghabi (violão, piano, teclados e vocais), João Faria (baixo e vocais) e Moreno Leon (cantor). Para quem ainda não ligou o nome às pessoas, revelo que Edu Waghabi é filho de Magro Waghabi (MPB4) e Solange Ramos, e João Faria é filho de Ruy Faria (MPB4) e Cynara Faria (Quarteto em Cy).

Eis algumas músicas.

“Céu do Teu Olhar” (Moreno Leon e Edu Waghabi). Chama atenção a voz de Leon, que sola e logo se junta com João e Edu para vocalises. Com atmosfera delicada, a balada pop tem a sabedoria de uma modernidade eletrônica minimalista, destacada pelo arranjo instrumental do produtor do trabalho Fael Brito, que está no teclado, no synth e, é claro, no “beat” (?). Consultado, Edu Waghabi dirimiu minha dúvida: “Beat é um termo da música eletrônica que indica uma unidade rítmico-harmônica, programada por sintetizadores, que se repete e serve de base à faixa”. A partir desta sonoridade, que



consagra a busca pela identidade musical que lhes convém, o trio demonstra absoluta coerência com suas composições.

“Do Que Vi” (https://youtu.be/B_JMOVfSY7U?si=-o-VAYCBM0Qj2GPtN), de Moreno Leon, Edu Waghabi e João Faria: Novamente, o destaque é para o solo de Leon, que volta a se

ajuntar às vozes de Edu e João para vocais, com arranjo de Edu. O canto vocalizado, sempre presente no álbum, tem razão de ser: o vocal é uma “cachaça” que inocula quem é “de vocal” (decretou João Gilberto), e João e Edu padecem desse “mal”. O clavinete de Edu, que também está ao piano, puxa o arranjo que tem João no baixo. Flutuando sobre a concepção personalizada do arranjo de Fael, o som é singular.

“Cena” (Leon, Edu e João) tem Leon (voz), Edu (guitarra, teclado, voz e arranjo vocal), João (baixo e voz) e Fael (guitarra, synth, beat e arranjo instrumental). A vertente eletrônica está mais uma vez explícita no destaque da mixagem ao beat percussivo. A fir-

meza da pulsação é singular.

“Amanhã O Mundo Acabou” (<https://youtu.be/G9-NuYbaW8U?si=7mHY-3515Kx8DpPUN>), de Edu Waghabi: Leon (solo), João (baixo e vocal), Edu (teclado, vocal e arranjo instrumental) e Fael (guitarra, congas e beat). É a música calorosa do álbum, um afoxé que sacode as ideias e aponta às experimentações musicais do trio. Edu lhe deu versos consistentes: “Eu quero mais é ter/ Motivo pra reconciliação/ Na guerra entre o meu orgulho/ E a sua pretensão”.

À flor da pele, a criatividade e a versatilidade do Trio Fluctua me tocaram fundo. Mas vão vendo, difícil mesmo foi não ver Eduzinho e Joãozinho como as crianças que conheci quando seus pais e eu éramos jovens. Caramba!

*Vocalista do MPB4 e escritor



APROVEITE AS ÚLTIMAS ATRAÇÕES DO MAIOR FESTIVAL CULTURAL MULTILINGUAGEM DO PAÍS.

EM 24 LOCALIDADES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA NO SITE.



ALCIONE



PRETA GIL



DANIELA MERCURY



ANA CAROLINA



DETONAUTAS



DUDA BEAT



BAIANASystem



OS PARALAMAS DO SUCESSO



XAMÃ



LUDMILLA

FESTIVALSESCDEINVERNO.COM.BR

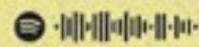


A PROGRAMAÇÃO PODE SOFRER ALTERAÇÕES SEM NOTIFICAÇÃO PRÉVIA. CERTIFIQUE-SE DOS DETALHES NOS CANAIS DO SESC RJ.

#FESTIVALSESCDEINVERNO



ACESSE A PLAYLIST DO FESTIVAL NO SEU SPOTIFY



ACESSE NOSSAS REDES:



REALIZAÇÃO



Premiada companhia teatral da Baixada Fluminense, a Cerne completa uma década e lança documentário em que dissecou toda a sua trajetória

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

A premiada Cia Cerne tem desenvolvido, durante seus dez anos de existência, um trabalho consistente com a proposta de serem uma companhia da Baixada. São premiados com esses espetáculos que retratam grandes personagens de nossa história, como Jorge Amado (1912-2001) e João Cândido (1880-1969), que viveram em São João de Meriti. E nesse clima de comemoração, seus integrantes estão lançando em seu canal no YouTube um documentário que aborda toda a sua trajetória. Seus integrantes conversaram com exclusividade com o Correio da Manhã. Confira abaixo:

Falem sobre esse documentário que está sendo lançado...

A Cia Cerne encara as câmeras e adentra as telas para contar sua própria história, revisitando o passado e vasculhando o próprio repertório para narrar, em primeira pessoa, todo o processo de criação do coletivo, além de pontos dramáticos e outros gloriosos de sua trajetória. O documentário “Cerne – All inclusive” celebra os 10 anos de trajetória do coletivo artístico mais premiado e com mais reconhecimento público de São João de Meriti e está disponível gratuitamente no YouTube.



A Cia Cerne aposta em narrativas que tenham a Baixada Fluminense como foco e investe na formação profissional de artistas na região

Dez anos de teatro com DNA de Baixada

Como fundar uma companhia de teatro e se manter ativo e em processo continuado de pesquisas por dez anos?

O mais importante é que todos nós acreditamos muito naquilo que fazemos. Dessa forma, a Cerne vem sempre na frente. Não se trata de um projeto que seja do Baião, do Leandro ou da Gabi, por exemplo, é sempre da Cerne. Isso mantém nossa coesão interna e permite que o individual nunca se sobreponha ao coletivo. Tem sido assim desde nossa fundação e esperamos que assim seja também pelos próximos anos.

Qual a importância de retratar moradores ilustres da Baixada como Jorge Amado e João Cândido em espetáculos como “Turmalina” (2019) e “Três Irmãos” (2023)?

A Baixada Fluminense tem uma história muito rica, mas infelizmente o que se vê comumente na mídia sobre nosso território são histórias de violência, de miséria, de escândalos. Há todo um imaginário social construído ao longo das décadas que não contribui para autoestima do cidadão baixadense e muito menos para a valorização do nosso chão. Contar a história de gente fundamental para a história do nosso país como João Cândido e Jorge Amado, que viveram em São João de Meriti (e que quase ninguém sabe disso) é uma forma de apresentar a Baixada por um ângulo diferente daquele que nos rebaixa e que grande mídia adora. Olhando para o passado e para esses grandes nomes que passaram por aqui, temos certeza de que ajudamos a construir um

presente em que as narrativas sobre nosso lugar sejam majoritariamente positivas.

E qual será o próximo nessa linha?

Nosso próximo projeto segue com essa pesquisa, mas como ainda estamos buscando patrocínio para ele, preferimos não falar muito sobre o tema (risos).

Qual a lição para os jovens que, agora, se formam na Escola criada por vocês?

Todos nós, artistas da Baixada, nos acostumamos a ter que sair da região para estudar e consumir cultura na capital. Por muito tempo, chegamos a entender que era assim mesmo e que isso era o normal. Com a escola queremos mudar esse pensamento. Quando oferecemos cursos de formação

em diversas áreas teatrais dentro da Baixada para uma maioria de estudantes da região, estamos possibilitando que uma gama de alunos que não teriam condições financeiras ou sociais para se deslocarem duas horas até a zona sul possam se formar artisticamente, com excelência, dentro de seu próprio território. Isso é muito bonito porque mostra - e não falo só de teatro - que muitas vezes vamos encontrar aqui pertinho de nós o que nos contaram, algum dia, que só encontraríamos longe

SERVIÇO

CIA CERNE ALL INCLUSIVE
Documentário que registra os 10 anos de história da companhia teatral, disponível no YouTube (https://youtu.be/wAyJQPDQzHI?si=5ptrTlgNL_xgtsBu)

CRÍTICA / TEATRO / O FIGURANTE

Antes de tudo, um forte



Dalton Valério/Divulgação

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

Há um livro, que foi uma bíblia nos anos 70, chamado “Psicanálise dos Contos de Fadas” que explica o que está por trás das narra-

tivas consagradas, aparentemente inocentes. Em “O Figurante”, primeiro solo de Mateus Solano, nota-se que, sem necessidade de explicação, o que se vê é ao se mostrar o cotidiano desse profissional, fala-se de muitas relações das mais prosaicas às mais complexas.

O personagem vai desafiando as agruras absolutas, da solidão da vida, as viagens sem contato nos coletivos e o total alijamento no mundo do trabalho. Apesar de se chamar Augusto, ele é o altão, sem nome, sem papel, sem perspectiva. Seu trabalho cênico é eficiente nos eixos corpo

e voz. As mímicas dos gestos diários, dos atos que jamais acontecerão. As expectativas, as decepções, se constroem na sincronicidade, na exatidão das mãos, nos meneios do tronco e na sustentação das pernas.

A direção de Miguel Thiré faz o jogo entre Mateus, as vozes daqueles ausentes e, ao mesmo tempo onipresentes, que dirigem e espicaçam a vida desse aliado figurante. Um participante alheio, sem voz e proibido de ter qualquer gesto que evidencie vontade própria. Há algo de importante nesse monólogo, escapa-se do teatro de nicho, com viés definido, para uma proposta clara. À primeira vista pode parecer um texto metalinguístico, com críticas ao comportamento dos profissionais com nível de poder. Mas essa é apenas a superfície. A aproximação se dá com os marginais, no sentido da palavra: aqueles que vivem à margem. Não entram no rio, estão por ali na beira, incapazes de nadar.

SERVIÇO

O FIGURANTE

Teatro Fashion Mall (Shopping Fashion Mall - Estrada da Gávea, 899 - Lj 216 - São Conrado)
Até 1/9, sextas (20h), sábados e domingos (19h) | R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

O corpo vulnerável

O Centro Cultural Espaço Tápias recebe neste sábado e domingo (27 e 28), às 19h, a artista performer Margot, com “Ássara”, seu primeiro solo, com a premissa de encarar a fragilidade, o medo, a finitude e a percepção do corpo como perecível e vulnerável, encontrando formas de sobreviver e de criar uma ficção de coragem e força. Margot, intérprete, performer, dancarine não-binária e professora, move-se a partir do voguing, waacking, vivências da comunidade ballroom, cultura hip hop e dança contemporânea.

Divulgação

Aline Capobianco/Divulgação



Caos cômico

Misturando técnicas de teatro físico, bufonaria e cabaré, incluindo palhaçaria, ilusionismo, escapismo e manipulação de objetos, o espetáculo circense “Fumaça - Puro Visaje”, com Daniel Satin, convida o público a uma jornada que começa de forma leve e se transforma em um caos atrevido e delirante. É uma paródia com um humor cínico e sarcástico que desafia as percepções da realidade e explora os limites da loucura. Qui a dom, às 19h. Teatro Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). 12 anos. 50min. R\$30. Até o dia 18 de agosto.

Dayana Sabany/Divulgação



Narrativas femininas

Com o movimento de Exú e a inspiração de Oyá, o espetáculo “De Mim Ecoaram Vozes” narra e reconstrói a vida de mulheres periféricas que, com suas potencialidades, enfrentam os desafios do machismo e racismo presentes na sociedade brasileira. Criado e idealizado por integrantes do coletivo Mulheres ao Vento (MAV) e musicistas parceiras, o espetáculo estará em cartaz nas arenas Jovelina Pérola Negra, na Pavuna, neste domingo (28), às 17h, e Dicro (Penha Circular) nos dias 1 e 2 de agosto, às 14h e 19h - com duas sessões diárias.



ÓPERA**IL TRITTICO**

*Apresentação da trilogia de Puccini composta pelas óperas "Il tabarro", "Suor Angelica" e "Gianni Schicchi" com coro e Orquestra do Theatro Municipal. 25 e 27/7 (19h). A partir de R\$ 10

SHOW**BANDA MOINHO**

*O grupo formado por Emanuelle Araújo, Lan Lanh e Toni Costa lança novo repertório e homenageia Gal Costa, Rita Lee, Dona Ivone Lara, Elza Soares e Cássia Eller. Sex (26), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 6=70

TEATRO**A VISITA**

*Neste monólogo Carol Duarte encarna uma executiva em burn-out, quando a pessoa enlouquece das pressões da sociedade do desempenho na sociedade moderna. Até 6/8, seg e ter (19h). Teatro Firjan Sesi (Av. Graça Aranha, 1 - Centro). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

LEÃO ROSÁRIO

*Solo com o ator Adyr Assumpção, vozes e objetos inspirado em "Rei Lear", clássico da maturidade de William Shakespeare, e em Arthur Bispo do Rosário, artista visual que trilhou caminhos da arte e da loucura. Até 28/7. CCBB (Rua Primeiro de Março, 66), de qua a sáb (19h) e dom (18h). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

GOSTAVA MAIS DOS PAIS

*Filhos de dois craques do humor, Bruno Mazzeo e Lúcio Mauro Filho refletem as dores e delícias da herança artística de Chico Anysio e Lúcio Mauro. Até 11/8, sex e sáb (20h) e dom (18h). Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Loja A - Leblon). A partir de R\$ 39,60 (meia)

EU, ROMEU

*Espetáculo da Adorável Companhia, de Guapimirim, na Baixada Fluminense, reconta "Romeu e Julieta", de Shakespeare, colocando em cena um ator preto e suburbano (Marcos Camelo) para discutir estereótipos e preconceitos. Até 27/7, sex e sáb (19h) e dom (18h). Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro). R\$ 20 e R\$ 10 (meia)



Sagração

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Leo Aversa/Divulgação



Banda Moinho

BABY, VOCÊ PRECISA SABER DE MIM

*Com texto e atuação de Rafael Primot, o espetáculo acompanha a relação entre irmãos diante da iminência da morte da mãe. Teatro das Artes (R. Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea, 2º Piso). Até 8/8, aos sáb e dom (20h). R\$ 100, R\$ 50 (meia) e R\$ 35 (ingresso social)

DANÇA**SAGRAÇÃO**

*A nova coreografia da Cia Deborah Colker une a 'Sagração da Primavera', de Stravinski, às mitologias dos povos originários que explicam a criação do mundo. Até 10/8, às qui e sex (21h), sáb (19h) e domingos (18h). Cidade das Artes (Av. das Américas, 5300 - Barra). A partir de R\$ 19,80

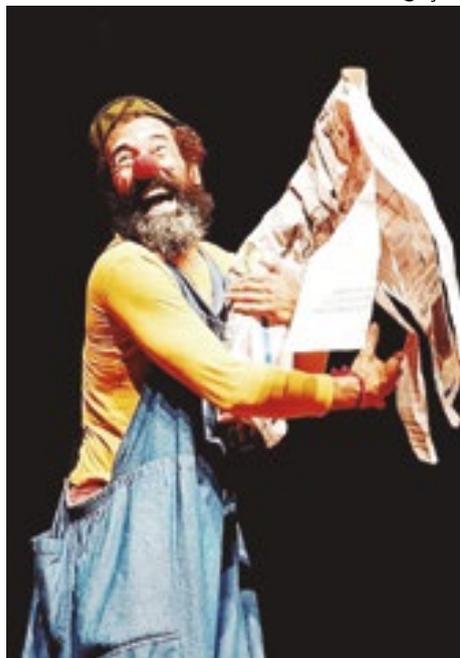
Filipe Aguiar/Divulgação

*Il Tabarro, ópera de Il Trittico*

Divulgação

*A Visita*

Divulgação

*O Circo a Céu Aberto*

INFANTIL

PLUFT, O FANTASMINHA

*O clássico da premiada autora Maria Clara Machado (1921-2001) ganha nova montagem com viés contemporâneo. Até 28/7 no Teatro Tablado (Av. Lineu de Paula Machado, 795 - Lagoa). Sáb e dom (17h). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

CIRCO A CÉU ABERTO / CIRCO DA JULIETA

*A Escola Livre de Palhaço apresenta dois espetáculos gratuitos no Largo do Machado. No sábado (27), às 16h, o palhaço e arte-educador Fabiano Freitas apresenta "O circo a céu aberto" e no domingo (27), no mesmo horário, alunos apresentam "Circo da Julieta". Largo do Machado. Grátis

Michell Albuquerque/Divulgação

*Festival Peruano*

Divulgação

*1º Tiradentes Julina*

LUZES DA COREIA

*Um mergulho em uma das mais populares tradições coreanas a partir da experiência imersiva. As milenares lanternas coloridas de seda dialogam com elementos cenográficos contemporâneos numa experiência única. Até 25/8 no Museu de Arte Contemporânea (Mirante da Boa Viagem, s/nº). De ter a dom (10h às 18h). R\$ 16 e R\$ 8 (meia)

PAISAGENS RUMINADAS

*Retrospectiva do artista plástico Luiz Zerbini, considerado um dos mais emblemáticos representantes do movimento conhecido como Geração 80. Até 2/9, de qua a seg (9h às 20h). Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

TERROSA

*A artista plástica Mery Horta mergulha em cores, cheiros e texturas e cria um universo permeado por seres que surgem da terra em sua segunda individual. Até 31/8, de ter a sáb (12h às 19h). Centro Cultural dos Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20). Grátis

EVENTO

FESTIVAL PERUANO

*O Consulado Geral do Peru promove nos jardins do Museu da República (Rua do Catete, 153) evento que divulga a rica cultura peruana através da gastronomia, música, artesanato e uma variedade de produtos típicos. Sáb (27 e dom (28), das 9h às 18h

1º TIRADENTES JULINA

*A Praça Tiradentes recebe um grande arraial típico dos festejos de São João com shows, apresentações de cordelistas, quadrilha, danças típicas regionais, desfile de moda e barracas de comidas típicas e artesanato. Sex (27), das 16h às 22h, e sáb (27), das 10h às 22h. Grátis

ROLÉ CARIOCA

*A relação dos cariocas com o mar através dos tempos é o tema da primeira edição do evento que acontece neste domingo (28), a partir das 10h. Trata-se de um roteiro histórico gratuito, com direito a aulas públicas a cada ponto visitado, que vai da Praça XV à Praça Mauá. Este passeio cultural abre a temporada de cinco outros roteiros do Rolé Carioca pela cidade ao longo deste ano

EXPOSIÇÃO

ANNA BELLA GEIGER - ENTRE O RELEVO E O RECORTE

*Um mergulho no universo multifacetado de uma das mais influentes artistas brasileiras do século 20. Até 8/9, ter a dom (10h às 19h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). Grátis

CASA-TEMPO: ASSENTAMENTOS

*O artista plástico Thiago Modesto apresenta xilogravuras que retratam o componente rural na ocupação de espaços do Rio de Janeiro como a região de Jacarepaguá e a Baixada Fluminense, o chamado Sertão Carioca. Até 31/8, de ter a sáb (12h às 19h). Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20). Grátis

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Templo de vozes autorais, o cine Medeia Nimas, em Lisboa, dedica sua tela, daqui até 2 de outubro a uma expedição aos recônditos da alma, tendo como meio de transporte a obra de Ingmar Bergman (1918-2007). É invejável a retrospectiva que o público português ganha de presente no segundo semestre com 31 títulos do mestre sueco.

Entre 1946, com o lançamento de “Crise”, e 2003, quando o teledrama “Saraband” começou a circular por TVs e cineclubes, a indústria audiovisual deitou-se num divã para um trabalho de análise da moral, da fé e do amor apoiado numa troca simbólica com o diretor que pôs dilemas do espírito no centro da câmera. Numa queda de braço com nosso superego, na triagem das neuroses que levam à brutalidade e ao desamor, Bergman rodou 65 filmes, sem contar as práticas com teatro filmado que fez para a televisão escandinava. Entre os títulos que fazem parte da grade do Nimas, em cópias novas, estão reflexões autorais sobre a existência que se tornaram marcos da arte de filmar. “Morangos Silvestres” (1957) é um deles. Laureado com o Urso de Ouro do Festival de Berlim, o longa-metragem representa um momento de ascensão de uma obra considerada por muitos a mais balanceada que arte cinematográfica já viu. Para muitas cabeças da crítica, Bergman foi o diretor dos diretores.

De sua filmografia consta um punhado de experiências narrativas com status de obra-prima, como é o caso de “Persona” (1966) e “O Sétimo Selo” (1957), que ilustram o modo Ingmar Bergman de enquadrar, de dirigir atores, de iluminar cenas e de esgarçar as fronteiras filosóficas da dramaturgia, baseado ora num preceito, ora numa sensação. O preceito dele: “Eu faço filmes com meus amigos mais queridos. Tenho 18 que cabem nessa categoria. Eles são a minha equipe, nada mais”. O motor imóvel de sua arte: “Vivo numa ansiedade sem causas



Ingmar Bergman com Liv Ullmann e Max von Sydow no set de ‘A Hora do Lobo’

Bergman. ao azeite



O realizador sueco Ingmar Bergman (de boina) nas filmagens de ‘O Sétimo Selo’, que estará na mostra lisboeta

tangíveis e, para me aliviar dela, eu preciso filmar”.

Os cem anos do realizador foram comemorados no dia 14 de julho de 2018. Vários países festejaram sua memória em suas cine-

matecas e museus, a começar pela Suécia. Shoppings de Gotemburgo, entre os quais o Nordstan, expuseram em seus corredores cartazes gigantescos com o rosto do cineasta convocando para

Berlinale

nidade diante da Peste. Até hoje ela é citada como um signo.

Ali, ganhava forma uma das principais inquietações de Bergman: a Finitude. Além dela, seus filmes se preocupam em discutir a presença de Deus, a agonia do existir, solidão, a fragilidade das convenções sociais e as incongruências da vida a dois. Deste último tema, ele extraiu um fenômeno midiático: “Cenas de um Casamento”, minissérie de TV, também editada como filme, que fez aumentar o número de divórcios em território escandinavo na época de seu lançamento, em 1973. O cineasta ganhou um Globo de Ouro pela empreitada, uma das muitas honrarias douradas em seu currículo. Filho de um pastor protestante, nascido em Uppsala (a 70km a norte de Estocolmo), o diretor – que teve seu primeiro acesso a um projetor de imagens ainda menino, trocando uma dezena de soldadinhos de chumbo com seu irmão por aquela “lanterna mágica” – ganhou um Oscar honorário (o Irving G. Thalberg, dado em 1971), o Leão de Ouro Especial do Festival de Veneza, em 1971, e a Palma das Palmas do Festival de Cannes, em 1997.

Não foram os franceses (garimpeiros de autoridades) que descobriram Ingmar: sua consagração aconteceu a partir do Festival de Punta del Este, no Uruguai, em 1952, de onde o filme “Juventude”, partiu para conquistar plateias sul-americanas, despertando atenções de jornalistas europeus aqui residentes. Daquele evento em Punta, críticos brasileiros como Ely Azeredo (morto este ano) promoveram a potência estética de Bergman nas Américas, contribuindo, à força de resenhas apaixonadas, para o êxito nacional de Sorrisos de uma “Noite de Verão” (1955) e “Noites de Circo” (1953).

Numa de suas últimas entrevistas, antes de sair de cena, em 30 de julho de 2007, Bergman falava muito da decadência da matéria, mas com sabedoria. “Aprendi que posso dominar as forças negativas e usá-las a meu favor”. Agora os lusitanos vão poder se deliciar com seu saber.

Portugal exhibe retrospectiva do mestre sueco, com 31 filmes em cópias novas

os festejos de seu aniversário de número cem. As numerosas retrospectivas de cults que ele recebeu reúnem “Gritos e Sussurros” (1972) e “Sonata de Outono” (1978). Como julho é mês de seu aniversário, muitos países voltam a celebrar seu legado. No Brasil, a Amazon Prime exhibe um par de documentários sobre ele.

Uma referência das maiores contribuições do Bergman ao imaginário cinéfilo foi a partida entre o paladino Max von Sydow e a Morte no já citado “O Sétimo Selo” para decidir os destinos da Huma-

Divulgação

ENTREVISTA / VICTOR LOPES, CINEASTA

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Preparando seu regresso à ficção, cerca de uma década depois do hilário “As Aventuras de Agamenon, o Repórter” (2012), Victor Lopes surpreendeu o cinema brasileiro com a consagração de sua narrativa documental mais experimental... e super pop: “Fausto Fawcett na Cabeça”.

O filme é o principal (e mais inventivo) lançamento nacional deste fim de semana. Em 2022, ele saiu do Fest Aruanda, na Paraíba, com o prêmio de Melhor Longa-metragem. Sua narrativa é um ensaio sobre dissonância lírica sobre (ou melhor, estrelado por) um poeta, dramaturgo, cantor e letrista identificado com o bas-fond carioca.

Fawcett ainda recebeu um prêmio raro lá em Aruanda: o de Melhor Ator/Personagem, o que não é comum a estruturas documentais. Mas o filme não é nada comum também, como nada que Victor enquadra em sua obra, num olhar de estrangeiro repatriado na brasilidade.

O cineasta nasceu n'África, em Maputo, Moçambique, com nacionalidade portuguesa, mas mora no Brasil há uns 47 anos. Entre documentários e ficções, já fez seis longas para a tela grande, além de dois telefilmes, três médias e dois curtas, numa travessia pelas poéticas do audiovisual que experimentou o aplauso internacional com a boa acolhida a seu “Língua – Vidas Em Português”. No papo a seguir, Victor faz um balanço de seu trabalho com Fawcett.

De que maneira a poesia de Fausto marcou a sua geração e de que forma a obra dele se destaca como um relato do bas-fond carioca?

Victor Lopes: Fausto Fawcett é um artista atemporal e universal. Acho que, desde os anos 1980, isso ficou muito claro para quem viveu o seu trabalho, assim como ficou claro na percepção do público. Ele sempre transitou entre o mainstream pop e o submundo; a História Antiga e a moda da esquina; filosofia e gíria; civilização e barbárie. Uma das razões do filme é dimensionar o trabalho do Fausto na grandeza que merece, e a sessão histórica com show no Estação Net Botafogo foi uma prova viva do que ele representa para a sua geração e para muitas outras. Sua obra transcende Copacabana, o bas-fond carioca, o Rio 40 graus... No purgatório da Beleza e do Caos, Fausto Fawcett é um dos

‘Sempre encaro filmes como pedra bruta, mirando a escultura final como rumo e destino’

Divulgação



maiores poetas urbanos de todos os tempos, no Brasil e no mundo.

Como se deu o processo de lapidar um “personagem” nas raias da ficção a partir da figura do Fausto?

Sempre encaro filmes como pedra bruta, mirando a escultura final como rumo e destino, e “Fausto Fawcett na Cabeça” segue esse oráculo. No material bruto, como classificamos as imagens gravadas... verdadeiros tesouros de arquivos gravados... já sabia que esse

personagem-farol seria um banquete cinematográfico, mas ele superou as expectativas. Usar o dispositivo da colagem, que serve de altar inicial para seus trabalhos, disparou um transe no Fausto, que se irradia filme adentro. Ele está possuído numa forma que descola da entrevista, atravessa a performance e se revela escancarado num intimismo cósmico. É um fluxo de palavras e ideias com contundência, poesia e humor em overdoses de magia pura. Ao entrar na cabeça do Fausto, cheguei também no coração, onde a dimensão humana e mortal nos iguala e atravessa. Esse conjunto de forças aprofunda um personagem vertiginoso numa obra em que gêneros cinematográficos se transformam em mero detalhe.

Qual é o lugar da música no seu cinema tão diverso... e autoral?

A música sempre esteve presente em meu trabalho, mas geralmente de forma mais diegética nos longas-metragens. Nos primórdios da TV a cabo, de 1996 a 1998, codirigi com o Roberto Berliner (produtor e mentor de “Fausto Fawcett na Cabeça”), a série “Free Jazz”, de 45 episódios filmados no Brasil, EUA e Europa, reunindo de Herbie Hancock a Massive Attack. Foi uma formação superior no assunto, guiado por Roberto que, naquele momento, inoculou o documentário para sempre na minha carreira. No meu cinema, a música desempenha um papel essencial, mas sempre a serviço da narrativa de cada filme. Já em “Fausto Fawcett na Cabeça”, ela é um elemento central. Ancorada na voz do bardo, com as parcerias de Laufer e Fernanda Abreu, a música foi reproduzida ainda por Lulu Santos, Skank, Chico Science, mostrando que Fausto não se restringe ao Rio de Janeiro. Na força imersiva do desenho de som do filme, interagindo com as imagens, a música salta por todos os lados da sala, inoculando os sentidos dos espectadores. Por tudo isso, este filme é também o que chamo de um Ópera.Doc. É uma experiência sinestésica sonhada para a sala de cinema.

Quais são seus atuais projetos de longa?

No momento estou em fase de captação de recursos para “Grupo de Família”, um misto de drama familiar e thriller social que retrata dias sombrios da nossa história recente. É um filme urbano que cutuca feridas e sonhos e me leva de volta para a ficção, da qual sinto falta em meu trabalho de muitas faces. Em paralelo, trabalho com o Fausto na adaptação de “Favelost” para o cinema. Estamos em fase embrionária que vai se acelerar após o lançamento do .doc, e novos mundos nos aguardam!

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ao passar pelo Ponto Cine, em Guadalupe, neste sábado, para a exibição seguida de debate de “Sinfonia De Um Homem Comum”, José Joffily estará levando ao subúrbio carioca uma dose de nitroglicerina política em forma de um relato sobre relações internacionais. Junto dela, leva também saudades, sonhos e sucessos de quase cinco décadas de dedicação ao audiovisual.

Ao levar às telas o thriller “A Maldição do Sanpaku”, em 1992, ele foi uma das poucas vozes resistentes, em meio à extinção da Embrfilme, a conseguir filmar e lançar longas num período nefasto para nossa indústria audiovisual. Esse período foi de 1990 (o desmanche da empresa, com a chegada de Collor ao Poder) e 1995, ano do início da Retomada. Foi ali que ele soube se reinventar, tanto nas ficções - com “2 Perdidos Numa Noite Suja”, sua obra-prima, lançada há 20 anos - quanto nos documentários, com “Chamado de Deus”.

Eram (e são) sempre títulos calçados num taucárdico modo de falar de escolhas e renúncias. Sua fala de amanhã, a partir das 10h, é uma revisão desses episódios de resiliência em sua carreira. “É sempre estimulante encontrar o público depois do espetáculo, seja ele um filme, uma peça de teatro ou um show de música”, diz Joffily, que foi professor da Universidade Federal Fluminense (UFF). “Nas duas últimas manifestações, o artista está ali, de corpo presente. Nelas, é possível você sentir a pulsação dos espectadores. Nos filmes, o que existe é a luz na tela, os realizadores estão ausentes. Então, esse corpo a corpo é sempre revigorante. Ainda mais com uma plateia tão quente quanto a do Ponto Cine, uma plateia curiosa numa sala acolhedora. Dalí, você sai enriquecido, pleno. Depois de concluído um trabalho, ele ainda reverbera forte no seu coração durante pelo menos uns dois anos. Com o retorno do público, o filme vai ganhando novos significados. Algumas vezes, significados que estavam submersos vêm à tona no debate. Assim, você ganha forças e certezas para o próximo. É uma espécie de transfusão de energias, uma mão dupla de sentimentos”.

Tensão sempre foi um elemento presente no cinema de Joffily, um paraibano de João Pessoa, adotado pelo RJ, transformado num carioca de alma graças as areias de Copacabana, onde rodou cults como “Achados e Perdidos” (2005). Seu “Sinfonia De Um Homem Comum” pode ser definido como um documentário regado de suspense. Trata-se de um explosivo relato dos feitos (e acertos) do diplomata José Mauricio Bustani, que foi o primeiro diretor-geral da Organização para a Proibição



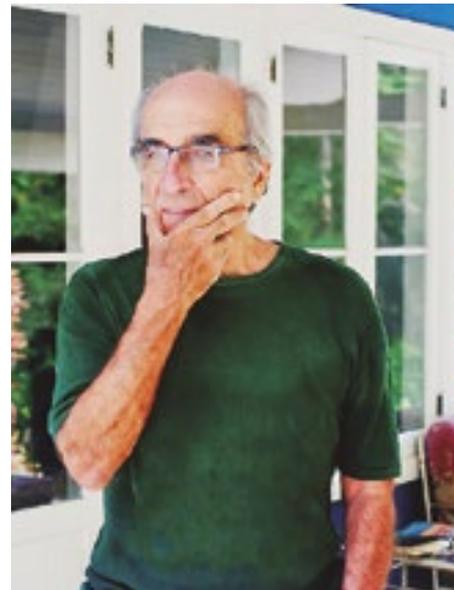
O diplomata José Mauricio Bustani em cena de ‘Sinfonia de um Homem Comum’, de José Joffily

Sinfonia de um cinema nada comum

Zeca Guimarães/Divulgação

Ponto Cine exhibe documentário sobre o diplomata José Mauricio Bustani em sessão em homenagem à obra de José Joffily, diretor autoral que brilha na ficção e na estética do real

de Armas Químicas (OPAQ), entre 1997 e 2002. Na época, ele tentou impedir a invasão ao Iraque pelos Estados Unidos, durante o governo de George W. Bush, e acabou demitido por pressão dos americanos. O doc chega às telas após desfrutar de uma aclamada recepção no Festival Internacional de Documentários de Amsterdã, o IDFA. No 27º É Tudo Verdade, ele ganhou menção honrosa por sua dramatur-



gia. Brillhou ainda no HotDocs, no Canadá.

“Na nossa ‘Sinfonia’, a biografia do Bustani é importante, mas, acima de tudo, entendemos que são os países hegemônicos que mandam no planeta, fazem as guerras e as regras. As organizações multilaterais, mantidas majoritariamente por esses mesmos países, servem para referendar suas posições. Posições essas, que quando contrariadas, são desrespeitadas sole-

nemente”, explica o cineasta.

Durante o processo de filmagens de “Sinfonia...”, o que ficou transparente para o cineasta é o interesse econômico regendo as decisões. “Guerras existem a partir do interesse da indústria bélica aliada ao desejo da dominação geopolítica. No decorrer das entrevistas e de nossa viagem ao congresso, na comissão de Haia, também ficou evidente que a história da destruição do Iraque, guiada pelo interesse no petróleo, não foi um evento isolado nem faz parte do passado”, diz Joffily.

Mais do que um reencontro com as pelejas de Bustani, a sessão do Ponto Cine serve para Joffily como um termômetro de suas descobertas na arte. “Antonioni, que dirigiu entre outros filmes, ‘Profissão Repórter’ e ‘Blow up’, dois dos filmes que vejo e revejo com admiração, escreveu, aos 75 anos, um pequeno livro chamado ‘Começo a Entender’. Esse craque, que fez pelo menos essas duas obras primas, revela que depois dos setenta estava apenas começando a entender o que são os filmes. Assim, sempre que acho que sei alguma coisa, penso nesse livretinho e nessa confissão, e vejo que continuamos a aprender ao longo de toda a vida”, diz Joffily. “Entendo também que o fato de estar sempre aprendendo não significa deixar de errar. Só erra quem faz”, arremata.

Ao avaliar o futuro, Joffily garante que são muitos os projetos: “a gaveta está cheia”. A fim de dar conta de planos de documentários, ficções e séries, ele conta com a produtora Isabel Joffily e o cineasta Pedro Rossi. “Com eles, a média da faixa etária diminui e os talentos se somam. Decorridos alguns anos e alguns filmes, vi que determinados temas são recorrentes. Os projetos futuros não fogem dessas temáticas já visitadas, mas vejo com preocupação o futuro do audiovisual. Claro que o panorama melhorou muito depois dos anos de destruição promovidos recentemente, mas ainda vivemos de editais sem programação alguma. Por outro lado, o fato mais relevante hoje no audiovisual é a regulação das plataformas, dos streamings”, diz Joffily. “Em número de assinantes, o Brasil ocupa o segundo lugar e funciona sem regulação alguma. Na Europa, nos Estados Unidos e em outras dezenas de países, as plataformas pagam impostos, contribuições ao audiovisual e são obrigadas a promover uma reserva de mercado. Portanto aqui é o paraíso para eles, e, por isso, estão lutando com todas as forças e armas no Congresso para barrar qualquer tentativa de regular o mercado. Um lobby poderoso com a Motion Pictures of America à frente. Enquanto isso, a aberração continua, nós, realizadores, pagamos todos os impostos e a Condecine (a contribuição para o audiovisual) e as plataformas passam incólumes sem qualquer ônus na comercialização dos títulos”.

CRÍTICA / FILME / DEADPOOL & WOLVERINE

Divulgação



O que se vê da divertidíssima junção de Deadpool e Wolverine é um escárnio metalinguístico sem precedentes para os padrões desse veio de filme

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

O melhor de dois mundos

Nas páginas de “A Transparência do Mal”, Jean Baurillard (1929-2007) profetizou que nada na cultura de massas desaparece pela escassez, mas, sim, pelo excesso. A profecia se concretizou com o filão que mais e melhor sustentou o cinema no século XXI: os filmes de super-herói. A proliferação desenfreada desse subgênero da aventura, apoiada pelo apetite dos estúdios por milhões, esgotou minas outrora auríferas numa explosão de tramas pasteurizadas, empapadas de algoritmos e de códigos lacrados.

Foi a partir de “Thor: Amor e Trovão” (2022), de Taika Waititi, que a Marvel Studios, a usina mais potente desse latifúndio, começou a sentir (no bolso) o peso de sua desmesura. Ofertou tanto, sem critério, que cansou. “Quantumania” (2023), a terceira parte das peripécias da Vespa e do Homem-Formiga, desandou de vez a fervura e entornou o caldo da lucratividade, enfatiando o público.

As únicas formas de reatar laços com o público hoje parecem ser ou o investimento em releituras realistas com perfil de “filme de arte”, como fez a DC com “Coringa” (Leão de Ouro do Festival

de Veneza de 2019), ou a aposta numa linha cômica de humor feroz. Essa foi a rota aberta por “Deadpool”, em 2016.

Esse foi o caminho que a Marvel escolhe agora, ao trazer de volta o Mercenário Tagarela num duo com o mais famoso dos X-Men: Logan, o Wolverine. O que se vê da divertidíssima junção dos dois é um escárnio metalinguístico sem precedentes para os padrões desse veio de filme, sem descaso algum com a adrenalina nem com a forma de se coreografar sequências de luta, perseguição, tiroteio. É picardia pura, com uma inteligência que parecia ter sido perdida.

Shawn Levy, produtor responsável pela série cult “Stranger Things”, conhecido como diretor por seu trabalho na trilogia “Uma Noite No Museu” (2006-2014), é um cineasta sem marca formal própria reconhecível. Eficácia técnica, contudo, sempre foi o seu forte, vide “Gigantes de Aço” (2011) e “Free Guy: Assumindo o Contro-

le” (2021), filmes nos quais dirigiu Hugh Jackman e Ryan Reynolds. Os dois, sob a mira precisa de Levy, ajudam “Deadpool & Wolverine” a se impor na telona como uma montanha-russa de emoções. É piada, é palavrão (colocado na hora certa), é malabarismo, é autocrítica. Os dois, em química pura e aplicada, fazem de tudo. Conseguem até o feito de dar gás a um outro filão que vive em coma em Hollywood faz tempo: a comédia.

Num diálogo surpreendente com as histórias em quadrinhos, revirando referências a tesouros das HQs dos anos 1990, como “A Era de Apocalipse” e a “A Saga do Caolho”, “Deadpool & Wolverine” é o longa-metragem mais irreverente (e engraçado) de 2024 até agora, capaz de abrir reentrâncias do riso que andavam soterradas sob o peso da correção política.

Desde 2012, quando “Ted” de Seth MacFarlane escancarou os limites do bom comportamento das cartilhas hollywoodiana, faturando

US\$ 549 milhões, uma comédia americana não faz os cofres dos exibidores inchar de dinheiro. Ano após ano, a partir de então, o gênero ficou cada vez mais tímido, migrando para os streamings em fórmulas de crônicas de costumes em que a gargalhada dá lugar ao esgar ligeiro.

O que se no filme de Levy, entretanto, é a boa gargalhada, escudada pela autoparódia e por uma contínua “quebra da quarta parede” (gesto de se dirigir diretamente à plateia) na qual Deadpool faz troça do sucateamento dos estúdios Fox e de sua compra pela Disney.

Na trama, o personagem de Ryan Reynolds (muito bem dublado no Brasil por Reginaldo Primo) deu um tempo em seu uniforme e nas espadas e arrisca uma vida corriqueira, de peruca, como vendedor de carros. Vive na pasmeira até um excêntrico analista das linhas temporais do cosmo chamado Sr. Paradox (Matthew Macfadyen, o Mr. Darcy de “Orgulho e Preconceito”), notar uma falha no fluxo

temporal do anti-herói por conta do sumiço de Wolverine (Jackman, aqui dublado pelo mestre da voz Luiz Feier Motta), morto num gesto de (autos)sacrifício visto em “Logan” (2017).

Deadpool é ludibriado por Paradox para encontrar um substituto à altura do mutante das garras de Adamantium (um metal fictício dos quadrinhos), numa realidade paralela do multiverso, mergulhando numa espécie de lixão cronológico para onde foram refugos de dimensões condenadas (leia-se projetos da Fox cancelados ou interrompidos). O lugar sofre sob a égide da vilã Cassandra Nova (Emma Corrin, em ótima atuação), irmã gêmea má do Professor Xavier, condenada ao esquecimento.

A tarefa de Deadpool é ajustar os registros das ondas cósmicas libertados por existências relegadas à desaparecimento, impedindo que sua linha do tempo seja apagada. Essa premissa com tintas de física é narrada por Levy (coautor do roteiro com Reynolds, Rhett Reese, Paul Wernick e Zeb Wells) num tom abilolado de chanchada capaz de agradar nerdlas e olhares leigos, salvando a comédia do engessamento e resguardando os filmes de super-herói da falta de risco. A aparição de Wesley Snipes revivendo um de seus trabalhos mais icônicos, o Blade, é um trunfo especial do longa.

CRÍTICA / FILME / DIVERTIMENTO

Guy Ferrandis/Divulgação

Por Inácio Araújo (Folhapress)

São vários os eixos que desenvolvem “Divertimento”. Preconceito contra as mulheres no mundo musical é o mais óbvio deles. Preconceito na França contra os árabes, o que é coisa corrente. O preconceito de classe social fecha a série. Tratados com alguma - ou muita - demagogia costumam dar resultados lamentáveis. Evitá-los é, certamente, a primeira virtude da diretora deste filme, Marie-Castille Mention-Schaar.

Não a única, certamente. Ela busca boas personagens: as adolescentes Zahia e Fatouma Ziouani. A segunda é violoncelista: as dificuldades que enfrentará estão dentro do padrão dos praticantes de música erudita. Zahia terá um caminho mais espinhoso, pois sonha em ser chefe de orquestra - maestra.

A origem árabe, a modéstia familiar e o fato de ser mulher, tudo isso pesa muito contra ela. Mention-Schaar trata suas dificuldades com discrição, um comentário aqui, uma reprimenda ali basta para sabermos que o caso é mesmo de preconceito, derivando para tratamentos desiguais.

O filme, admita-se, trata também desigualmente o rival de Zahia, um jovem favorecido por mestres - os homens, no caso - e colegas. O filme não precisaria tratá-lo como antipático e arrogante. Trata-se da velha necessidade de criar um antagonista a todo custo. Era dispensável porque “Divertimento” deixa claro o quanto o ambiente musical é povoado de egos e rivalidades. Zahia não é exceção.

A intriga aqui é o que menos importa. A virtude do filme é penetrar adequadamente nas dificuldades de formação de um músico e, mais ainda, de um maestro. Pior, claro, se for maestra. No caso de Zahia, pesa bastante o fato de ter sido acolhida por um maestro célebre, como



Fugindo de obviedades e buscando a paixão que conecta sua personagem à música, Marie-Castille Mention-Schaar olha com doçura para obstáculos reais em ‘Divertimento’

Longe da demagogia e da obviedade

Sergiu Celibidache.

É por ele que Zahia - e nós, por tabela - é introduzida à tremenda solidão do músico. Sabemos já como as coisas se passam com Fatouma, a violoncelista, a exigência dos estudos, a busca pela excelência.

Mas Celibidache insiste com Zahia não só no que diz respeito à técnica, nem ao desenvolvimento de algo que podemos chamar de intuição - o domínio do tempo. Ele a introduz ao terror que consiste estar diante de um grupo de músicos a quem deve não apenas cobrar como impor a sua visão.

O certo é que Celibidache viu nela qualidades que poucos têm. É a partir daí que Zahia deve saltar do sonho à realidade. E para o espectador, em especial aquele que gosta de música, abre-se a possibilidade de entender, um pouco que seja, a dificuldade do que é ser chefe de orquestra, ou seja, transformar um todo heterogêneo - cada músico e cada instrumento - em um conjunto homogêneo.

Tudo isso é necessário, mas, veremos, não suficiente. O caminho até se tornar uma regente será árduo para Zahia. Mas ela, assim como Fatouma,

trunfará.

Não se trata aqui de estragar qualquer tipo de surpresa ou prazer. A evolução é óbvia. Quanto ao gênero, poderia bem ser chamado “biografia”, pois trata-se de duas personagens da vida real. Divertimento, no mais, é o nome que Zahia deu à sua orquestra, cuja sede é (ou era) em Stains, cidade da região parisiense.

Uma observação ao final (apenas 4% dos regentes são mulheres na França) explica a opção de Zahia Ziouani por ter sua própria orquestra e de direcioná-la a determinados fins (demo-

cráticos, por sinal).

Dito isso, a direção de Mention-Schaar não impressiona pela ousadia, optando pela discrição; não enfeita as coisas, deixa que o encanto venha sobretudo dos sons. Salvo alguns efeitos de desfoque a diretora não se deixa levar por facilidades. O que a distingue do academismo é sobretudo a capacidade de olhar as pessoas, captar suas reações, alegrias, frustrações, expectativas etc. É o que sua câmera melhor faz.

De tudo isso resulta uma boa diversão, não só para os fãs de música.

Divulgação

Divulgação

Divulgação



Parmê



Sult



Nolita



Capricciosa

Bruno de Lima/Divulgação

A Rainha das Massas

Veja um roteiro para comemorar o Dia da Lasanha

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)**
Especial para o Correio da Manhã

Nesta segunda-feira (29) é comemorado o Dia Nacional da Lasanha. Nós, do Correio da Manhã, não poderíamos deixar a data de um dos pratos mais adorados pelas famílias brasileiras, passar em branco. Fizemos um roteiro, com diferentes versões de receitas e formatos da rainha das massas, oferecida pelos restaurantes cariocas. São opções desde a mais tradicional - com queijo, presunto ou molho de carne - até formatos diferentes como as retangulares e redondas. Confira abaixo:

Tomás Rangel/Divulgação



Da Brambini

Tomás Rangel/Divulgação

CANTINA DA PRAÇA - Na trattoria, em Ipanema, é possível encontrar a clássica Lasagna Bolognese (R\$ 69). Ela é feita com pasta fresca de grano duro, molho à bolonhesa e creme de queijo no molho de tomate feito na casa. E ainda há uma opção vegetariana que é a Lasagne alla Melanzane (R\$ 64), de berinjela grelhada com molho pomodoro da casa e queijo gratinado. Rua Jangadeiros, 28 - Ipanema. Tel: (21) 32589540.

CAPRICCIOSA - Na tradicional pizzeria, o comensal também pode encontrar no menu massas como a Lasagna di carne (R\$ 83). Ela é feita com recheio de vitela, presunto de parma, shitake e funghi seco. Rua Vinicius de Moraes, 134 - Ipanema. Tel: (21) 2523-3394.

DA BRAMBINI - Legítimo italiano na orla do Leme, o restaurante oferece em seu cardápio clássicos da gastronomia do país da bota. Na seleção de pratos principais, não poderia



Nido

estar de fora a clássica Lasagne alla Bolognese (R\$ 88). O prato é feito com massa caseira e molho de carne moída. Av. Atlântica, 514B. Tel: 2275-4346.

HANDZ - No novo restaurante italiano comandado pelo chef Rodrigo Einsfeld o comensal pode encontrar a clássica Lasanha à Bolonhesa (R\$ 72). Ela é feita com ragú de carne, molho bechamel, muçarela e parmesão. BarraShopping - Av. das Américas, 4666

Divulgação



Handz

- Nível Lagoa - Barra da Tijuca. WhatsApp/Reservas: (21) 95932-2779.

NIDO - No restaurante italiano, no Leblon, a Lasagnetta di vitelo (R\$ 112) é uma das boas pedidas do menu. Ela é feita pelas mãos do chef veneziano Rudy Bovo e servida com fonduta de grana padano e demi-glace com funghi porcini e finalizada com lâmina de trufa preta. Av. Gen. San Martin, 1.011. Tel/zap: (21) 2259-7696



Cantina da Praça

Tomás Rangel/Divulgação

NOLITA OVEN BAR - No descolado restaurante a boa pedida para comemorar a data é a Lasanha Nolita (R\$ 68). Ela leva massa fresca e molho bolonhesa e feita com blend de cortes black Angus. Villagemall - Av. das Américas - 3900 - piso L2. Tel: (21) 3252-2678.

PARMÊ - Na casa, o cliente pode escolher o recheio e molho de preferência da lasanha.

Destacam-se a versão de carne com molho bolonhesa; a de frango ao molho quatro queijos e a de queijo com presunto ao molho branco. Qualquer versão custa R\$ 46,90. Av. Armando Lombardi, 155 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 3154-9767.

SULT - No descolado restaurante italiano, em Botafogo, o carro-chefe da casa é a tradicional lasanha de carne feita com fonduta de grana padano (R\$ 75). Rua Fernandes Guimarães 77 - Botafogo. Tel: (21) 3486-6777



Casinha pequenina

Quem não lembra da casinha pequenina, aconchegante e cheia de amor? Quem não passa pelas calçadas, em passos apressados, quase trôpegos, tal qual a rapidez que a vida demanda, mas ainda com tempo de admirar aquele lar pequenino, às vezes com cadeiras 'fiadas' em ferro e tranças coloridas em suas varandas. Qual passante não recorda das sacadas com vasos floridos ou plantas em latas de óleo? Será que ali nasceu um grande e eterno amor? Será que a vida seguiu e deixou memórias impregnadas naquele misto de saibro, terra, cimento e pedras?

As fachadas em uma paleta de cores indescritível, quem sabe as tais cores de Almodóvar ou as cores de Tarsila, quem sabe até as cores de Machado, não o Bruxo do Cosme Velho, mas o Juarez. Quem não admira o admirável?

Afetividade e pertencimento são os sentimentos. Lembro, ao passar por essas obras-primas de luz e amor, dos meus avós à porta de casa no final da tarde enquanto o crepúsculo avançava pelos céus suburbanos cariocas, refletidos no aço da linha férrea. As cadeiras ali, bem-posicionadas, observando 'as modas'. Aquelas 'boas-tardes' dadas aos amigos e vizinhos no retorno à casa após mais um dia de labuta.

Memória dos apitos das fábricas, tonitruantes mensagens de mais um dia que vem ou que vai.

Aqui estão elas cheias de afetos, impregnadas de amor e vida; as casinhas pequeninas.

